

Charles Monteiro

Memória e esquecimento nas artes de lembrar a cidade de Porto Alegre nas crônicas de Nilo Ruschel

Avertissement

Le contenu de ce site relève de la législation française sur la propriété intellectuelle et est la propriété exclusive de l'éditeur.

Les œuvres figurant sur ce site peuvent être consultées et reproduites sur un support papier ou numérique sous réserve qu'elles soient strictement réservées à un usage soit personnel, soit scientifique ou pédagogique excluant toute exploitation commerciale. La reproduction devra obligatoirement mentionner l'éditeur, le nom de la revue, l'auteur et la référence du document.

Toute autre reproduction est interdite sauf accord préalable de l'éditeur, en dehors des cas prévus par la législation en vigueur en France.



Revues.org est un portail de revues en sciences humaines et sociales développé par le CLEO, Centre pour l'édition électronique ouverte (CNRS, EHESS, UP, UAPV).

Referencia electrónica

Charles Monteiro, « Memória e esquecimento nas artes de lembrar a cidade de Porto Alegre nas crônicas de Nilo Ruschel », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Debates, 2006, Puesto en línea el 28 janvier 2006. URL : <http://nuevomundo.revues.org/index1534.html>

DOI : en cours d'attribution

Éditeur : EHESS

<http://nuevomundo.revues.org>

<http://www.revues.org>

Document accessible en ligne à l'adresse suivante : <http://nuevomundo.revues.org/index1534.html>

Document généré automatiquement le 04 octobre 2009.

© Tous droits réservés

Charles Monteiro

Memória e esquecimento nas artes de lembrar a cidade de Porto Alegre nas crônicas de Nilo Ruschel

- 1 Como se constrói e legitima a memória urbana? Quem constrói, guarda e legitima a transmissão da memória da cidade e de seus habitantes? A partir de que perspectiva social no presente e com que horizonte de futuro se fala sobre o passado e se constrói a memória da cidade?
- 2 Os primeiros a produzirem uma escrita sobre a cidade, visando dar conta de sua trajetória no tempo, foram os cronistas. Jornalistas e literatos que, desde o século XIX, denunciavam os problemas urbanos, exigiam certas melhorias dos poderes públicos e já percebiam mudanças significativas nos espaços e nas formas de sociabilidades públicas urbanas.
- 3 Pretendo dialogar com essas falas do passado que continuam ecoando no presente. Falas que manifestam a polifonia da cidade, que evidenciam os traumas causados pela aceleração do tempo e a ruptura com a experiência social do passado. Falas que pretendem reconstruir uma ponte com o passado, produzindo no presente uma memória mais estável e harmônica do passado da cidade. Compreender como a crônica traduz essas tensões ao produzir uma memória da cidade é o objetivo dessa fala, que busca repensar as práticas de produção social de memória da cidade de Porto Alegre.
- 4 Ao problematizar a produção da memória sobre a cidade, todas as falas e lugares são igualmente problemáticos e socialmente comprometidos.
- 5 Essa reflexão se insere nos domínios da história urbana, por um lado, e da história da memória, de outro. A abordagem do tema da memória e do espaço urbano se filia ao campo de indagações teóricas e metodológicas da chamada Nova História Cultural.ⁱ
- 6 Em primeiro lugar, o que se entende por cidade?
- 7 Num dos estudos a cerca da categoria cidade no Brasil, Raquel Rolnik define a cidade como um espaço de confluência de dinâmicas demográficas, econômicas, políticas, sociais, culturais e simbólicas.ⁱⁱ
- 8 Para os fins dessa fala, a cidade é uma realidade física e histórica, ligada às experiências espaciais e temporais (fluxos populacionais e econômicos; disputas políticas; conflitos sociais, tensões, consensos entre os grupos urbanos; formas de sociabilidade; relações e produções culturais e imaginárias) percebidas e representadas pelos sujeitos urbanos que elaboraram as memórias de suas experiências no espaço urbano de Porto Alegre através da produção de diferentes escritas.ⁱⁱⁱ
- 9 Nesse sentido a cidade é uma realidade plural e polifônica, pois os diferentes sujeitos e grupos sociais se apossam desse espaço, o experienciam e produzem uma memória oral e escrita que procura explicar a dinâmica própria do construir-se desses grupos sociais na cidade, bem como desses grupos construírem a cidade enquanto tecido, trama, rede de relações sociais, econômicas, políticas, culturais e simbólicas.
- 10 Segundo Rolnik, a cidade também é a materialização de sua própria história e uma escrita.^{iv} Um das possibilidades que se colocam para compreender essa história é problematizar a forma como se elaborou através de crônicas, os laços de identidade entre os indivíduos, grupos e de toda uma sociedade com o espaço urbano socialmente construído, criando-se a partir de diferentes experiências e representações sociais um conjunto de significados que caracterizam a identidade urbana.^v

- 11 Tento compreender as leituras e releituras da memória coletiva através da crônica e sua relação com a acelerada transformação dos espaços e formas de sociabilidade urbanas naqueles contextos.
- 12 Como afirma Afrânio Coutinho, a crônica é um gênero literário que deriva do ensaio do século XVII e do folhetim do século XIX, e que ganhou essa denominação em Portugal e no Brasil. Crônicas, o que são? Pretextos ou testemunhos? Nos pergunta José Saramago, em um texto do jornal *A Capital* de 1961?
- 13 Já Margarida Neves de Souza, pergunta-se em *Os cronistas do Rio* o que o historiador poderia aprender com a crônica?
- 14 Em primeiro lugar, a respeito do processo de seleção realizado pelo cronista sobre o cotidiano, visando interpretar um acontecimento, a partir de sua ótica, para seus leitores contemporâneos. O historiador, ao problematizar na escrita das crônicas os recortes temáticos, temporais e o papel da subjetividade do cronista nas suas interpretações sobre o cotidiano, poderia, também, reconhecer os mesmos procedimentos na seleção dos seus documentos e nas suas interpretações.
- 15 A partir das crônicas pode-se pensar sobre as relações entre o tempo narrado e o tempo experienciado pelo cronista: o do cotidiano e o que “mais alargadamente se vive”. Pode-se problematizar as pontes entre a percepção subjetiva do cronista e a construção social de explicações sobre o tempo presente e sua relação com o passado, no sentido em que o cronista traduziria em sua escrita uma construção social – de seu grupo, de uma camada da sociedade – da percepção do tempo. Tradução que ele faria através da forma particular de interpretar os acontecimentos e de empregar a linguagem escrita visando comunicar-se com um público leitor. Segundo Margarida Neves de Souza, coloca-se ao historiador:
- Uma primeira possibilidade a ser explorada é que ambas – história e crônica – constroem memória, o que equivale a reconhecer que desejam identidades, sejam elas identidades de uma geração, sejam elas identidades de gênero, de grupos sociais ou de recortes espaciais bem definidos. ... Se for verdade que a memória construída pela história tem como referência principalmente o recorte nacional, aquela que é tarefa mais eminente da crônica é, sem dúvida a memória da cidade.^{vi}
- 16 A crônica e a história podem ser consideradas “lugares de memória”, segundo a definição de Pierre Nora, pois se constituem em espaços materiais, simbólicos e funcionais em que a memória é constantemente elaborada, reelaborada e interpretada.^{vii} Crônica e história, de maneiras diferentes, são formas de escrita que elaboram a passagem do tempo e a memória de um grupo ou sociedade por meio da seleção proposta pelo filtro do tempo presente. Cronistas e historiadores desempenham o papel social de intérpretes da memória coletiva.
- 17 Logo, é enquanto se apresentam como escrita social de um tempo, produção de interpretações de uma experiência social urbana, enquanto narrativas sobre o cotidiano da cidade, que tomo as crônicas como documentos.^{viii} De antemão, admitindo que as crônicas falam, sobretudo da forma de um grupo de letrados, num contexto temporal e sociocultural determinado, percebem as transformações no espaço urbano.
- 18 Como corpus documental para realizar essa reflexão sobre a memória e o esquecimento da cidade, pretende-se dialogar com um conjunto de crônicas produzidas por Nilo Ruschel no jornal *Correio do Povo* e reunidas no livro *Rua da Praia* em 1971. Mas qual era o contexto de produção dessas crônicas?
- 19 No início dos anos 1970, Porto Alegre estava passando por uma série de transformações profundas na paisagem urbana e na forma de gestão do espaço urbano. O período foi marcado por um grande crescimento da população urbana e da área da cidade, que se estende alcançando os municípios vizinhos e os integrando como áreas periféricas num processo de conurbação. A população de Porto Alegre passou de 394 mil habitantes em 1950 para 885 mil nos anos 1970. Tendo a área metropolitana de Porto Alegre passado de 590 mil habitantes em 1950 para

- 1 milhão e 531 mil em 1970. Ou seja, a população da cidade dobrou em vinte anos, enquanto a população da região metropolitana triplicou!
- 20 As migrações do campo e das pequenas cidades para a capital foram as principais responsáveis por esse crescimento populacional. A nova escala de especialização da economia urbana – indústria, comércio, bancos, serviços e administração pública – complexificaram a estrutura social e criaram novas demandas de serviços e equipamentos urbanos como transporte de massa, saneamento, energia, habitação, saúde, educação e área de lazer.
- 21 A cidade se expandia criando áreas periféricas destituídas de infra-estrutura básica e se verticalizava através da construção de edifícios de escritórios e de apartamentos na área central. A administração pública tentou controlar esse crescimento através de planos diretores (1959, 1979) e realizando grandes obras urbanas, principalmente, viárias para solucionar os problemas de tráfego e comunicação entre os bairros e o centro da cidade. A administração de Porto Alegre estava a cargo de um técnico, o engenheiro Telmo Thompson Flores, que tinha sido nomeado para o cargo pelo Governador. Políticos esses, alinhados com a ideologia modernizadora e conservadora do regime militar.
- 22 Procurando pensar os problemas urbanos da cidade no presente e, também, projetá-la para o futuro, a administração de Thompson Flores elaborou um plano de reformas urbanas. Por se tratar de um período de exceção, essa administração não teve grande dificuldade para realizar desapropriações e demolições necessárias à execução de um projeto viário com a construção de um sistema de perimetrais, radiais, túneis e elevadas.
- 23 Para legitimar a nova política urbana, sua administração preparou as grandes comemorações do bicentenário da cidade, em 1972, que foram precedidas de toda uma discussão sobre a data correta da fundação entre os historiadores locais.
- 24 A modernização do espaço urbano através da abertura de grandes avenidas, bem como a demolição acelerada de prédios antigos e a retirada de circulação dos bondes, causaram um impacto na sociedade local e uma ruptura em relação às experiências urbanas do passado. O que deflagrou um movimento pela preservação dos prédios históricos e pela criação de um museu da cidade, bem como de publicação de livros de história e crônicas sobre a história e a memória urbana de Porto Alegre.
- 25 Foi neste contexto de transformações nos espaços e nas formas de sociabilidade urbana, bem como na percepção dos habitantes da sua cidade, que surgiram as crônicas de Nilo Ruschel que buscavam de recuperar a memória de uma “outra” Porto Alegre que rapidamente apagava os vestígios do seu passado.
- 26 Ao lado das reportagens sobre as reformas urbanas e as práticas comemorativas da administração Thompson Flores, o jornal *Correio do Povo* publicou no suplemento cultural Caderno de Sábado uma série de artigos sobre a história de Porto Alegre. Uns tratavam das origens da povoação e outros da data de fundação da cidade; mas também foram publicadas as crônicas escritas por Nilo Ruschel. Inseridas nesta vaga memorial, as crônicas de Ruschel buscavam expressar a percepção da passagem do tempo e das transformações dos espaços e das formas de sociabilidades urbanas. Naquele contexto os historiadores estavam preocupados em resolver a questão da data de fundação e de quem teria sido seu “fundador” da cidade.
- 27 Motivado pelas disputas dos historiadores nos jornais, Ruschel escreveu uma primeira crônica sobre a Rua da Praia no *Correio do Povo*.^{ix} Inicialmente, seria uma única crônica, mas devido a sua repercussão, as crônicas foram se sucedendo semanalmente com o título de *Rua da Praia* e numeradas em romanos até 40, por um ano nas páginas do Caderno de Sábado do *Correio do Povo*.^x Em 1971, a Prefeitura Municipal publica essas crônicas em livro como parte das comemorações da XII Semana de Porto Alegre.
- 28 Ruschel dizia que sua preocupação era “retratar a expressão que a rua tem ... que resulta no que de mais expressivo e definidor a cidade tem”. Para tanto, evocava “retalhos de vida, figuras e tipos” que viveram ai viveram. Rua que é um lugar de memória – “ilha de recordações para

cada um” – da experiência urbana de Porto Alegre. Afirmava que sua narrativa devia fluir sem se ater à disciplina ou ao método da historiografia.

29 Essas crônicas nutriram-se do manancial de lembranças da memória coletiva, porém através do quadro social da memória do autor. O cronista afirmava ater-se à veracidade dos fatos relatados. E, para isso, contava com o auxílio da memória de leitores e de amigos de juventude, de jornalismo e de boêmia para completar e corrigir seus relatos. Memórias compartilhadas, que circulava pelas páginas do jornal e provocava repercussões nos leitores, que enviavam cartas ao jornalista sobre eventos e pessoas evocadas em suas crônicas.^{xi}

30 As crônicas de Ruschel nos colocam diante de “outra” cidade. A sua escrita responde à demanda de memória, naquele contexto de demolições e reformas urbanas. Os sujeitos das memórias de Ruschel compreendem desde os tipos populares que percorriam as ruas centrais da cidade às elites políticas e intelectuais, que se reuniam em grupos seletos ao redor das mesas de certos cafés e restaurantes da Rua da Praia.

31 Os tipos populares surgem como elementos característicos da identidade urbana de Porto Alegre, como vozes que atravessavam a Rua da Praia dando-lhe uma nota pitoresca. Entre os mais característicos estavam os vendedores de jornais, como o Adãozinho, a Maria Chorona e o João da Balas. Mas também, músicos e vendedores de rua, cujos verdadeiros nomes e histórias eram desconhecidos, embora tivessem lugar na memória afetiva da Rua da Praia.

32 Ruschel recordava da presença negra no carnaval de rua em Porto Alegre no início do século.^{xii} O autor lembrava do preconceito racial da sociedade local, já que os negros deviam ficar do “outro lado” da rua nos desfiles de carnaval.

33 Apesar de evocar principalmente espaços e formas de sociabilidade masculinas, as mulheres também têm seu lugar de memória nas crônicas de Ruschel. Tanto àquelas que pertenciam às elites e ao meio artístico, quanto as pertencentes às camadas populares. Entre elas estava a Maria Chorona, cuja voz ecoava na memória do cronista.

34 Maria Chorona representava as mulheres das camadas populares em sua faina diária pelas ruas da cidade, exercendo pequenos ofícios na luta pela sobrevivência. Seu pregão soava como um lamento aos ouvidos de Ruschel, misturando-se à voz de outros vendedores de rua nas noites frias de inverno, testemunhando a difícil condição de vida das mulheres das camadas populares. O autor também lembrava das “mariposas”, que à noite das portas e janelas das casas modestas do Beco do Oitavo, iluminadas por luzes vermelhas, abordavam os passantes.

35 As mulheres da elite freqüentavam as confeitarias da Rua da Praia, acompanhadas pelas filhas ou marido. A nova cultura urbana possibilitou a conquista de novos espaços de sociabilidade e maior liberdade para as mulheres. Porém, existiam espaços, como o ensino superior, em que as mulheres não tinham acesso nos anos 1920 e 30.^{xiii}

36 Ruschel evocava a presença dos imigrantes entre os sujeitos que animavam a Rua da Praia e contribuíram para a formação da nova cultura pública que se articulava ao redor de cafés, confeitarias, bares e restaurantes. O grupo mais citado pelo autor são os alemães, que aparecem como introdutores do hábito de tomar chope após o expediente nos bares do centro.

37 O cronista não idealiza a presença dos imigrantes na sociedade local, recorda-os também entre as camadas populares e menos privilegiadas da sociedade porto-alegrense, embora lembrasse principalmente os bem sucedidos como o italiano Nicolau Rocco, dono da Confeitaria Rocco.^{xiv}

38 Ruschel rememorava, pontualmente, a presença de outros imigrantes e estrangeiros em Porto Alegre, nas artes e no comércio, entre outros, franceses, ingleses, austríacos e espanhóis.

39 O grupo dos estudantes é lembrado como muito atuante na cidade, tanto nas repúblicas, onde se formavam futuros líderes políticos, quanto no teatro e na literatura como agentes de inovações culturais formais e temáticas.

- 40 Os políticos, apesar de pertencerem a facções políticas diferentes, tinham hábitos sociais e padrões de consumo semelhantes como membros da elite, freqüentando os mesmos lugares: alfaiatarias, restaurantes e cafés.
- 41 Este cronista recordava que era possível encontrar no Largo dos Medeiros os jornalistas a caça das notícias nas rodas dos políticos. Ele lembrava que, ao sair da redação do jornal, já de madrugada, ia direto ao Café Suíça.^{xv} No Café Colombo encontrava o Augusto Meyer, o cronista Otávio Telles de Freitas do *Diário de Notícias*, o poeta Rui Cirne Lima e o Masueto Bernardi.^{xvi} Na porta da Livraria do Globo Athos Damasceno Ferreira, Moysés Vellinho, Carlos Dante de Moraes, Rubens Barcelos e Osvaldo Aranha.
- 42 Em outra crônica, o autor referia-se aos intelectuais que freqüentavam o Chalé da Praça 15 de Novembro, como “mais ou menos a mesma turma do Colombo da década de Vinte”: Theodomiro Tostes, Paulo de Gouvêa, Leônidas Garcês, Augusto Meyer Joaquim Guerreiro, Sotero Cosme, Athos Damasceno, Celso Aquino, Sérgio de Gouvêa.^{xvii} Tratava-se de um grupo de jornalistas, escritores, advogados e políticos que atuavam em várias áreas da vida cultural porto-alegrense nas décadas de 1920 a 1940. Certos sujeitos tinham seu ponto certo numa porta, parede ou esquina.^{xviii}
- 43 Os músicos formavam outro grupo que circulava pelo centro da cidade e reunia-se em determinados bares, restaurantes e cafés. A Rua da Praia era apresentada como um caminho feito de música e sons, onde de espaço em espaço os cafés derramavam melodias pelas calçadas e convidavam os passantes a sentar e tomar uma xícara de café.
- 44 Observa-se que Ruschel tratava de formas de sociabilidade que caracterizavam uma determinada cultura urbana que se organizava ao redor desses cafés no centro da cidade. Uma forma de cultura pública que englobava as elites e as camadas médias urbanas que circulavam pelo centro da cidade.
- 45 A Rua da Praia surge nas crônicas de Nilo Ruschel como algo mais do que uma simples rua. Ela é na verdade um território afetivo e existencial com limites imprecisos, cujas margens estendem-se bem além das quadras que figuram nos mapas. Um espaço síntese de todo o centro da cidade, mas também um porto do qual é possível zarpar ou no qual pode-se aportar trazendo histórias de outros lugares. Um lugar de memória de um grupo socioprofissional (jornalistas, escritores, advogados, políticos) e de formas de sociabilidade de uma cultura pública urbana nos anos 1920, 1930 e 1940, que se articulava ao redor de cafés, bares, restaurantes, alfaiatarias, redações e hotéis do centro da cidade.
- 46 As crônicas desse autor rememoram uma cultura pública diferente da das grandes metrópoles, onde a multidão permitia o anonimato e o individualismo. As lembranças de Ruschel apontam para sujeitos e grupos conhecidos, com seus hábitos e espaços de eleição.
- 47 Ruschel referia-se ao tempo geralmente de forma imprecisa em suas crônicas, eventualmente apontando uma década, um ano e, mais raramente, uma data precisa para falar de sujeitos, espaços urbanos e acontecimentos.
- 48 O autor estendia os limites temporais dessa cultura pública urbana dos cafés e bares da Rua da Praia dos anos 1920 até os anos 1950.^{xix} Um tempo, segundo o cronista, que ninguém tomava o café de pé e este vinha acompanhado de um copo d’água e a conversa fluía despreocupadamente. O cronista experienciava esse *passado como um tempo perdido* do qual o presente se distanciou.
- 49 Ruschel apontava para a transformação da fisionomia do centro da cidade e das formas de sociabilidade pública. Os bancos, as financeiras e as lanchonetes vinham substituindo os cafés e os bares nos anos 1960 e início dos 70. Uma aceleração da temporalidade com a mudança física dos espaços urbanos, que provocou um corte com as experiências urbanas do passado. A ruptura com a antiga cultura pública é o fator que desencadeia a demanda de memória, que as crônicas de Ruschel vêm responder.

- 50 Os leitores dessas crônicas pertenciam preferencialmente às camadas médias urbanas, segmento social ao qual pertence o próprio escritor e uma boa parte de suas personagens. A publicação dessas crônicas corresponde ao contexto de modernização acelerado, contraditório, desigual e excludente dos anos 1970, durante os governos militares, que a classe média estava vivendo.
- 51 A identidade da cidade se colocava como um problema. O cronista procurava desvendar os sentidos e os significados dos vários lugares da cidade em processo de transformação.
- 52 Nilo Ruschel experienciou sua juventude na Porto Alegre dos anos 1920 e 30. Em 1970, Nilo Ruschel trata da cidade do passado, de uma cultura urbana que se organizava ao redor de cafés, bares e restaurantes nas décadas de 1920 a 1940.
- 53 Nesse sentido, as crônicas de Ruschel inserem-se na tradição de escrita dos cronistas da cidade. Tradição de escrita sobre a memória das experiências urbanas no passado, que se desenvolve em paralelo à produção historiográfica sobre Porto Alegre. Tradições que não são estanques, mas que se cruzam pelas características do campo cultural e na forma de escrita desses autores, que circula entre a memória coletiva, a literatura e a história. Produtores da memória coletiva que participavam simultaneamente do Instituto Histórico e Geográfico, da Academia Riograndense de Letras, trabalhavam ou colaboravam em jornais locais e publicavam livros sobre a cidade. Mas, também, que partilhavam experiências urbanas, freqüentando os mesmos espaços de sociabilidade na cidade: cafés, bares, restaurantes e livrarias.
- 54 Memória das elites e das camadas médias, centrada, sobretudo, nos espaços de sociabilidade de uma elite letrada no centro da capital. E as classes populares e os arrabaldes? E as periferias que recebiam os migrantes do interior e a massa de novos trabalhadores da indústria e do comércio? São João, Navegantes, Vila Bom Jesus, a Ilhota e tantos outros sujeitos e lugares da cidade? Essas são algumas das lacunas sociais da memória e do esquecimento do cronista, que demandariam a memória e a fala de outros sujeitos, bem como o trabalho do historiador nesses desvãos da memória.
- 55 Ruschel é um memorialista que se volta para os sujeitos do passado e busca compartilhar as suas lembranças de uma “outra Porto Alegre” com os membros de sua classe sócio-profissional e da sua geração, bem como legar as memórias de sua experiência social de cidade às novas gerações. Ruschel não se detém na análise das mudanças e nos convida a buscar um refúgio na Porto Alegre do passado menos complexas e mais segura do que a dos anos 1970.
- 56 Mas as pontes para o retorno estão cortadas, como encontrar uma saída? Encontraremos uma saída? A crônica seria essa saída? Nos permitiria elaborar a perda das experiências sociais, substituídas por frágeis vivências? A perda da memória coletiva e da antiga arte da narrativa se transformou na tentativa de reconstituir uma memória social fragmentada e mediatizada através da leitura dessas crônicas publicadas nas páginas dos jornais e depois em livros.
- 57 Ou, por outro lado, não seriam as crônicas como aquelas garrafas lançadas ao mar em busca de um receptor, alguém apto para compreender e decifrar uma mensagem impregnada de memória, de tempo e de experiência social que ela carrega?
- 58 Quem teria as respostas para esta pergunta? O cronista? O leitor? O historiador? O habitante comum? Após um longo percurso essa e outras perguntas continuam a nos desafiar e a exigir dos historiadores e dos cidadãos das cidades brasileiras respostas novas a cada momento frente ao contínuo e acelerado processo de transformações da estrutura social e da paisagem urbana.

i Cf. Lynn, H. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992; Chartier, R. *A história Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

ii Rolnik, R. *O que é cidade?* São Paulo: Brasiliense, 1988, pp. 11-29. Cf. também Rolnik, R. *História Urbana: História na cidade?* In: Fernandes, A.; Gomes, M. A. F (orgs.). *Cidade e História: Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador: UFBA/

- Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, 1992, pp. 27-29; Pechman, R. M. (org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, pp. 3-8.
- iii A relação entre memória e espaço urbano já estava sugerida desde os trabalhos pioneiros de Maurice Halbwachs. Cf. Halbwachs, M. A inserção no espaço da memória coletiva In: Halbwachs, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 143-160.
- iv Rolnik, R. *O que é cidade?* São Paulo: Brasiliense, 1988, pp. 9.
- v Para um idêia da diversidade das abordagens e suas contribuições para a “nova historiografia brasileira” cf. Brescianni, M. S. M. Permanência e ruptura no estudo das cidades In: Fernandes, Ana; Gomes, M. A. F. (orgs.). *Cidade & História; modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador: UFBA/Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, 1992, pp. 11-25; BRESCIANNI, M. S. “História e historiografia das cidades, um percurso” In: Freitas, Marcos C. (org.), *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- vi *Ibid.*, pp. 25.
- vii Nora, P. « Entre Mémoire et Histoire. La problématique des lieux » In: Nora, P. (dir.). *Les lieux de mémoire. I La République*, Paris: Gallimard, 1984, t. I, pp. XVII-XLII.
- viii Sigo aqui a proposta de Souza, M. N., “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas” In: *A Crônica, o Gênero sua Fixação e suas Transformações no Brasil*, Campinas, SP; UNICAMP; Rio de Janeiro; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, pp. 75-76.
- ix Ruschel, N. Rua da Praia, *Correio do Povo*, Caderno de Sábado, 13/2/1971, pp. 12-13.
- x Ruschel, N. Rua da Praia XXXX, *Correio do Povo*, Caderno de Sábado, 15/1/1972, pp. 5.
- xi Cf. Ruschel, N. *Rua da Praia*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1971, pp. 283; Ruschel, N. Rua da Praia, *Correio do Povo*, Caderno de Sábado, 16/10/1971, pp. 3. Nesta crônica o autor transcreve trecho da carta de um leitor sobre a origem e o aspecto do primeiro Chalé da Praça 15 de Novembro. As citações das crônicas de Nilo Ruschel foram extraídas do livro, fazendo-se eventualmente referência a data e a página em a crônica foi publicada originalmente no Caderno de Sábado do *Correio do Povo*.
- xii Ruschel, N. *Rua da Praia*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1971, pp. 173.
- xiii *Ibid.*, pp. 184.
- xiv *Ibid.*, pp. 270, 136.
- xv Ruschel, N. *Rua da Praia*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1971, pp. 8.
- xvi *Ibid.*, pp. 15-16.
- xvii *Ibid.*, pp. 261.
- xviii *Ibid.*, pp. 14.
- xix Em tese de doutorado sobre São Paulo, a partir de depoimentos orais e dos relatos dos cronistas, Lúcia Helena Gama aborda as mudanças na cultura pública urbana nos anos 1940 e 1950. Cf. Gama, L. H. *Nos bares da vida. Produção cultural e sociabilidade em São Paulo – 1940 e 1950*. São Paulo: Editora SENAC, 1998, pp. 181-314.

Para citar este artículo

Referencia electrónica

Charles Monteiro, « Memória e esquecimento nas artes de lembrar a cidade de Porto Alegre nas crônicas de Nilo Ruschel », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Debates, 2006, Puesto en línea el 28 janvier 2006. URL : <http://nuevomundo.revues.org/index1534.html>

Charles Monteiro

Doutor em História Social pela PUC-SP / Bolsa de Doutorado Sanduíche na Université Lumière – Lyon 2, Professor Adjunto de História do Brasil do Programa de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (www.pucrs.br/pghistoria). Desenvolve projetos de pesquisa sobre História Urbana, História e Literatura, História e Fotografia. Autor de *Porto Alegre: urbanização e modernidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. e-mail: monteiro@pucrs.br

Licencia

© Tous droits réservés

Résumé / Resumen

Cet article pose le problème de la production de la mémoire et de la perception des changements au sein des espaces urbains, des sociabilités publiques et de la culture urbaine à Porto Alegre dans les années 1970 et à travers les chroniques urbaines de Nilo Ruschel.

Mots clés : mémoire, História, História Urbana, Histoire, Histoire urbaine, Chroniques urbaines

O artigo problematiza a produção da memória e as percepções das transformações dos espaços, das formas de sociabilidade e da cultura urbana em Porto Alegre nos anos 1970 através das crônicas de Nilo Ruschel.

Entradas del índice

Cronológico : XXe siècle, XIXe siècle

Geográfico : Brésil, Porto Alegre

Licence portant sur le document : © Tous droits réservés